

RODRIGO MANOEL DIAS DA SILVA
NICOLE MAGALHÃES POLTOZI
ANA CAROLINA TORRES

BOAS-VINDAS!

Boas-Vindas

REFERÊNCIAS PARA O ACOLHIMENTO
DE PESSOAS MIGRANTES NA EDUCAÇÃO BÁSICA



BOAS-VINDAS!
Referências para o acolhimento de
pessoas migrantes na Educação Básica



Pedro & João
editores

Rodrigo Manoel Dias da Silva
Nicole Magalhães Poltozi
Ana Carolina Torres

BOAS-VINDAS!
Referências para o acolhimento de
pessoas migrantes na Educação Básica



Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autor

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e do autor.

Rodrigo Manoel Dias da Silva; Nicole Magalhães Poltozi; Ana Carolina Torres

Boas-vindas! Referências para o acolhimento de pessoas migrantes na Educação Básica. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 57p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-265-0827-5 [Impresso]
978-65-265-0828-2 [Digital]**

1. Acolhimento. 2. Educação básica. 3. Caderno pedagógico. I. Título.

CDD – 370

Capa: Ricardo Cassaro

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

AGRADECIMENTOS

O caderno pedagógico “Boas-vindas! Referências para o acolhimento de pessoas migrantes na Educação Básica” é fruto de diálogos, reuniões, escuta e estudo coletivo. Por isso, é imprescindível agradecer aos participantes de todo esse processo.

Às professoras e aos professores engajados no acolhimento de pessoas migrantes em instituições de educação básica. Seu papel é inestimável para a construção de uma educação democrática, justa e acolhedora no Brasil.

Aos estudantes que conhecemos e às histórias de tantas vidas que cruzaram nosso caminho nos últimos três anos.

À 2ª Coordenadoria Regional de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (2ª CRE/RS), sediada em São Leopoldo, pelo apoio institucional.

A todas as pessoas comprometidas com o acolhimento e a hospitalidade de migrantes nas redes municipais de ensino situadas na região de abrangência da 2ª CRE/RS.

Especialmente, à Secretaria Municipal de Educação de Campo Bom pela aceitação do nosso projeto e por sua importante contribuição no desenvolvimento da pesquisa.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e ao SEBRAE pelo apoio financeiro para a realização desta publicação.

À Universidade do Vale do Rio dos Sinos e ao Programa de Pós-Graduação em Educação desta instituição pelo apoio institucional.

A todos os pesquisadores e pesquisadoras que nos incentivaram para a realização da pesquisa e, de alguma forma, contribuíram conosco.

O racismo, que é a forma doentia de uma reação natural perante a diversidade, nasce da proximidade, em face de alguém quase igual a nós, com exceção de algumas particularidades. O racismo nasce do quase e prospera a partir dele (ECO, 2020).

Uma vez afastado o risco de atribuímos a nós mesmos e aos outros identidades congeladas, poderemos todos cultivar nosso gosto pela diferença como um jogo, um momento estético ou simplesmente o pretexto de um encontro (AGIER, 2015).

Em ambientes educacionais integrados racialmente, todos temos a oportunidade de aprender no contexto da diversidade, de ser conscientes e críticos quanto à diferença sem deixar que ela nos separe (hooks, 2021).

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| TECITURAS INICIAIS: para começar o nosso tear | 11 |
| O TECIDO: costuras sobre a região de estudo | 15 |
| LINHAS E AGULHAS: tecendo sobre o projeto de pesquisa | 19 |
| FIOS DE ARIADNE: entrelaçamentos e encontros | 23 |
| 1. ACOLHER É POSSÍVEL | 24 |
| 2. CONSTRUIR PROTOCOLOS DE ACOLHIMENTO | 27 |
| 3. CRIAR UMA NORMATIVA MUNICIPAL | 30 |
| 4. DESENVOLVER UM GUIA MULTILÍNGUE DE ORIENTAÇÃO DE MATRÍCULAS | 32 |
| 5. TUDO COMEÇA PELA ESCUTA ATIVA DOS ESTUDANTES | 35 |
| 6. INCORPORAR MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO AMBIENTE ESCOLAR | 38 |
| 7. UTILIZAR A LITERATURA DOS PAÍSES DE ORIGEM DOS ALUNOS | 41 |
| 8. COMUNICAÇÃO MULTILÍNGUE E PROMOÇÃO DA PRESENÇA DE MEDIADORES INTERCULTURAIS | 43 |
| 9. FORMAÇÃO LINGUÍSTICA PARA PROFESSORES E ESTUDANTES | 45 |
| 10. DO ACOLHIMENTO À HOSPITALIDADE | 47 |
| 11. DICAS NA VOZ DOS PROFESSORES | 49 |
| AMARRANDO FIOS: considerações finais | 51 |
| REFERÊNCIAS | 55 |
| APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS E DO AUTOR | 57 |

TECITURAS INICIAIS: para começar o nosso tear

Seja bem-vindo!
Welcome!
¡Sea bienvenido!
Bienvenue!
Byenvini!

Os deslocamentos fazem parte da nossa história enquanto sociedade, afinal “migrar é inerente à vida humana, é um direito – mas nem sempre é um ato voluntário” (CARARO; SOUZA, 2020, p. 11). Hoje, o Brasil é um dos maiores anfitriões na chegada de migrantes oriundos de países do Sul Global, sendo possível observar uma ampla crescente nestes indicadores nos últimos anos. Entender o movimento de migração requer a compreensão de que tais processos são multidimensionais e ocorrem por diversas razões. Muitas vezes, resultam de questões de violação dos direitos humanos, crises ambientais e outras situações em que se percebe recusa e descaso praticados por seus países de origem e não exclusivamente por uma simples escolha individual. As organizações internacionais enfatizam que vivemos uma crise humanitária sem precedentes

Diante disso, nos cabe questionar: Quem é a pessoa migrante? Quem são as pessoas que se deslocam ao Brasil nos últimos anos? Como essa presença desafia a vida escolar e as experiências pedagógicas desenvolvidas nas escolas? Nossas escolas e seus profissionais estão preparados para o acolhimento e o desenvolvimento de aprendizagens efetivas? Quem é este estudante? É um indivíduo diverso em processo de construção de sua cultura e identidade, as quais precisam ser conhecidas, respeitadas e valorizadas. O desafio coletivo de pensar uma educação

intercultural que seja capaz de produzir uma educação humanitária e justa coaduna-se ao entendimento de que “[...] integrar não é apenas um simples reconhecimento da condição jurídica (legalização) do imigrante” (CÁ; MENDES, 2020, p.78), estendendo a compreensão de integrar como um processo de oportunizar a hospitalidade e firmar um compromisso da instituição com a sua comunidade.

No entanto, ainda sabemos muito pouco sobre os desdobramentos destas questões em contextos locais ou regionais. Escolhemos, em 2020, desenvolver um programa de estudos sobre a temática no Estado do Rio Grande do Sul, localizado no Sul do Brasil, e um dos principais destinos da população migrante ao país. Com apoio financeiro e institucional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul e do SEBRAE desenvolvemos o projeto de pesquisa intitulado “Mapeamento de experiências pedagógicas e socioculturais de estudantes imigrantes e refugiados em escolas públicas da 2ª Coordenadoria Regional de Educação/RS”, com vigência nos anos de 2021 a 2023.

Ao longo deste estudo, compreendemos que as práticas pedagógicas devem visar o enfrentamento das desigualdades e das injustiças. Como nos ensina Michel Agier (2015), os espaços urbanos em contextos periféricos são caracterizados pela precariedade técnica de suas instalações, de tal forma que corresponde à transformação dos estabelecimentos provisórios ao longo do tempo. O precário atualiza-se como precário, caso de campos de refugiados e das condições objetivas para a existência de migrantes.

Esse cenário de precariedade pedagógica e sociocultural é o horizonte deste caderno pedagógico. Temos que ir além de uma pedagogia precária, caracterizada por improvisações constantes, em direção a uma pedagogia do acolhimento e da hospitalidade para as pessoas migrantes em nossas escolas. Mas como? Também não tínhamos um direcionamento assertivo, tampouco esse caderno pode ser interpretado como um receituário ou uma prescrição fixa de soluções educacionais.

Optamos pelo caminho da escuta e do diálogo sensível, pois ao mesmo tempo em que identificamos em âmbito regional a presença destas pedagogias precárias, convivemos com profissionais que vêm

despertando para uma urgente mudança pedagógica e, em sentido amplo, educacional. Como será mencionado posteriormente, a produção deste caderno é resultado da compilação e do estudo criterioso de sugestões e reflexões oriundas de visitas a escolas, secretarias de educação e conversas com professores que acolhem estudantes de várias origens nacionais em suas salas de aula. Aprendemos muito com estes professores e professoras!

Entendemos o presente caderno como um trabalho de tear, ainda que inacabado. Muitos fios, muitas cores e texturas, muitos pontos e cortes, um amálgama de pessoas e histórias pessoais se entrecruzam no cotidiano das escolas e podem resultar em uma pedagogia do acolhimento e da hospitalidade. Uma pedagogia daquilo que fazemos juntos, do que nos une, do que temos em comum.

Boa leitura!

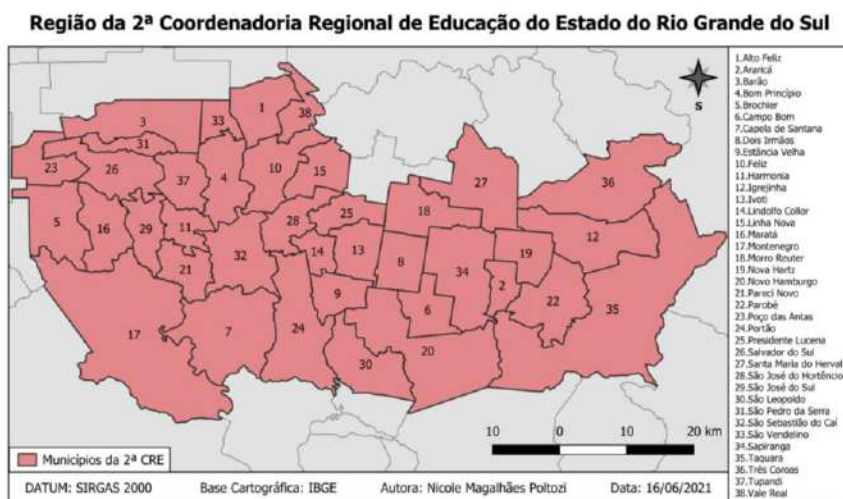


Fonte: <https://br.freepik.com/>

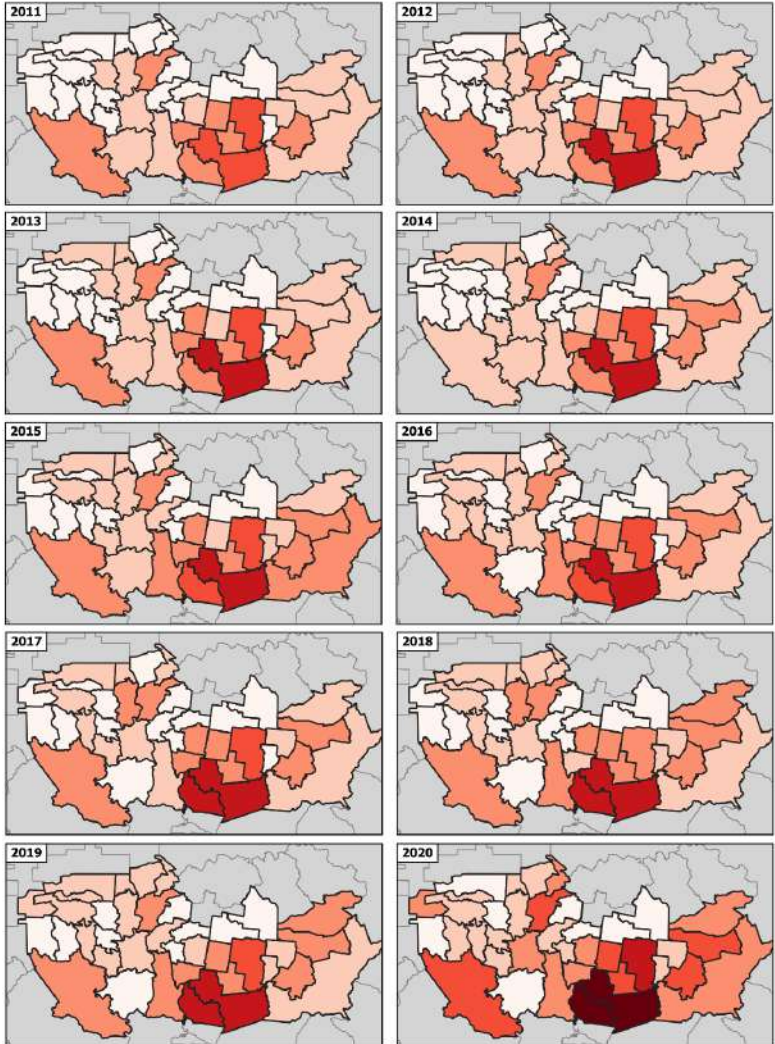
O TECIDO: costuras sobre a região de estudo

Toda costura necessita de uma base, de um tecido, da organização de um emaranhado de fios. O tecido escolhido para a nossa produção foi a região da 2ª Coordenadoria Regional de Educação do Rio Grande do Sul (2ª CRE/RS). A região compreende 38 municípios (ilustrada no Mapa 1) e se trata de um território marcado historicamente por processos de imigração no século XIX, com ênfase italiana e alemã, mas que sistematicamente recebe estrangeiros por conta de seu protagonismo industrial para o desenvolvimento econômico do Estado e da Região.

Mapa 1 - Municípios da 2ª CRE/RS



Presença de Alunos Migrantes nas Escolas Públicas dos Municípios da Região da 2ª Coordenadoria Regional de Educação/RS (2011-2020)



| | | | |
|---|--|---|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Aço Feltz 2. Aracruz 3. Barão 4. Bom Princípio 5. Brochier 6. Campo Bom 7. Capela de Sant'ana 8. Dos Irmãos 9. Estância Velha 10. Feliz 11. Harmonia 12. Igrejinha 13. Ivoti 14. Lindolfo Collor 15. Linha Nova 16. Maratá 17. Montenegro 18. Morro Reuter 19. Nova Hartz 20. Novo Hamburgo 21. Parei Novo 22. Parobé 23. Poço das Antas 24. Portão 25. Presidente Lucena 26. Salvador do Sul 27. Santa Maria do Herval 28. São José do Sul 29. São Leopoldo 30. São Lourenço 31. São Pedro da Serra 32. São Sebastião do Cai 33. São Vendelino 34. Sapiranga 35. Taquara 36. Três Corras 37. Tupandi 38. Vale Real | <p>Localização dos Municípios da 2ª CRE</p> | <p>Número de Matrículas</p> <ul style="list-style-type: none"> 0 1 - 5 6 - 15 16 - 30 31 - 60 61 - 120 | <p>UNISINOS</p> <p>FAPERGS</p> <p>SEBRAE</p> |
| <p>DATUM: SIRGAS 2000 Base Cartográfica: IBGE Dados: INEP/Censo Escolar Autora: Nicole Magalhães Poltozi Data: 03/10/2023</p> | | | |

De acordo com o Censo Populacional de 2022, a região possui uma população por volta de 1 milhão e 120 mil habitantes, sendo a segunda maior coordenadoria regional de educação. Ainda, em sua totalidade os 38 municípios possuem 736 instituições escolares da rede pública de ensino (Municipal, Estadual e Federal), no qual no ano de 2020, conforme informações do Censo Escolar, os alunos migrantes estavam presentes em 227 dessas, quase um terço do total. Dito isto, o Mapa 2 nos mostra que a presença de migrantes nas escolas públicas da região se intensificou, basicamente, em todos os municípios na última década (2011-2020).

De acordo com dados do Censo Escolar de 2020, a região de abrangência da 2ª CRE/RS possuía 487 estudantes matriculados na Educação Básica da rede pública, distribuídos em 30 dos 38 municípios que formam a região. Destacava-se maior concentração nas escolas públicas de Novo Hamburgo (114) e São Leopoldo (90), mas também presença marcante nos municípios de Sapiranga, Dois Irmãos e Campo Bom. Além disso, enfatiza-se que desses 487 alunos, aproximadamente três-quartos (314) estão matriculados no Ensino Fundamental (entre 1º e 9º ano), além de 95 matrículas na Educação Infantil e as demais distribuídas entre o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Verificava-se ainda que na região há cerca de 40 nacionalidades diferentes, tendo destaque os venezuelanos (136 matrículas), os haitianos (106) e os argentinos (74). Essas marcações nos demonstram o caráter complexo das migrações ao contexto regional, tendo em vista a diversidade migratória. Apesar da indisponibilidade de dados censitários atualizados, devido à aplicação da Lei Geral de Proteção de Dados, estima-se, após inúmeras consultas às secretarias municipais de educação, que este número em 2023 esteja, no mínimo, triplicado.

Tal tecido nos faz perceber que a presente região apresenta uma realidade crescente da presença de pessoas migrantes nas escolas da rede pública, a considerar a diversidade de nacionalidades como também o significativo contingente nas etapas de alfabetização, na educação básica. Tal realidade nos estimula a tecer estratégias para o acolhimento dos alunos migrantes nas escolas e nos faz refletir sobre os impactos de sua presença nos ambientes educacionais.

LINHAS E AGULHAS: tecendo sobre o projeto de pesquisa

Ao longo dos últimos anos, o visível incremento na presença de imigrantes e refugiados em instituições de ensino no Brasil se deve a uma transformação nas características que configuram os processos de deslocamento populacional, no qual o país deixa de ser apenas emissor e passa a ser receptor de populações estrangeiras (RUSSO, MENDES, BORRI-ANADON, 2020). Sua presença confirma uma condição ambivalente entre, por um lado, a hostilidade e a impossibilidade de desenvolver aprendizagens escolares significativas e, por outro, a oportunidade de novas práticas pedagógicas visando o enfrentamento das desigualdades e das injustiças.

A maior parte dos estudos tem diagnosticado as políticas de invisibilidade desses sujeitos na educação básica (DINIZ; NEVES, 2018), a violência em processos de inclusão dessa população na escola, as limitações linguísticas para o desenvolvimento de relações de ensino-aprendizagem e ausência de competências interculturais para ações docentes de acolhimento e atenção (POLTOZI, 2020). Do ponto de vista do direito à educação, é possível afirmar que as pessoas migrantes na educação básica brasileira são um sujeito ausente (OLIVEIRA, 2020).

Inúmeras estatísticas oficiais destacam o incremento substantivo no número de pessoas migrantes ao Brasil, desde o início do século XXI, mas com traços muito acentuados de 2011 em diante. O Relatório Anual OBMIGRA de 2022 destaca que dois novos fenômenos se destacam nas migrações internacionais ao Brasil no período recente, a saber: o processo de feminização das migrações e um incremento contínuo na chegada de crianças e adolescentes imigrantes, solicitantes de refúgio ou refugiadas. Os dados acentuam que em 2021 o número de crianças e adolescentes alcançou a cifra de 30% dos registros no Brasil, com forte

predominância de pessoas oriundas do Haiti (entre os anos de 2015 e 2018) e da Venezuela (a partir de 2019).

O aumento de mulheres, adolescentes e crianças imigrantes incide diretamente no crescimento do número de estrangeiros matriculados na educação básica. Em sua maioria, matrículas concentradas no Ensino Fundamental, mas com crescimento exponencial da demanda na Educação Infantil. Particularmente quanto Estado do Rio Grande do Sul, a Nota Técnica nº 40/2021 enfatiza que há maior dificuldade das famílias imigrantes em manter seus filhos na escola, destacando-se processos de evasão acentuados no período da pandemia, em que pese o impacto de medidas de isolamento social, o funcionamento escolar em formato digital e as dificuldades com o idioma por boa parte dos recém-chegados ao Brasil.

Neste cenário, o projeto de pesquisa incidiu sobre a presença de alunos imigrantes e refugiados, com ênfase em seus aspectos pedagógico e sociocultural no ambiente escolar. Nosso objetivo foi investigar experiências educacionais e socioculturais de estudantes estrangeiros matriculados em instituições de ensino da região de abrangência da 2ª CRE/RS. Caracterizamos o perfil pedagógico, sociocultural e demográfico da população estrangeira matriculada em escolas públicas na região selecionada. Também realizamos um estudo de campo, com predomínio de entrevistas semiestruturadas, em escolas localizadas em quatro municípios com maior incidência de matrículas de estrangeiros em âmbito regional. Com base nas evidências e dados construídos, elaboramos e promovemos programas de qualificação profissional voltado a professores e agentes educacionais atuantes junto a esse público.

Do ponto de vista metodológico, nos orientamos pelo interesse em produzir um questionamento novo a respeito do direito à educação no Estado do Rio Grande do Sul. Com tal delineamento, a construção de dados foi efetuada pela equipe, em perspectiva artesanal (MILLS, 2009) e direcionada a uma sociologia dos processos sociais firmemente articulada à invenção teórica. Tratou-se de uma construção metodológica qualitativa (WELLER; PFAFF, 2013) que reconheceu a produção de conhecimento através da interlocução dos pesquisadores com o campo empírico, pressupondo-se a entrevista, a observação e análise de dados como uma experiência reflexiva.

Ao longo do projeto realizou-se a escuta atenta de professores, professoras e gestores de escolas públicas de quatro municípios da região da 2ª CRE/RS, a saber: Campo Bom, Dois Irmãos, Novo Hamburgo e São Leopoldo. Essas entrevistas foram momentos de grande aprendizagem e trocas, nos quais, a partir de diferentes linhas e muitas agulhas, tecemos a pesquisa que resulta neste material.



Fonte: <https://br.freepik.com/>

FIOS DE ARIADNE: entrelaçamentos e encontros

Na mitologia grega, temos milhares de histórias que trazem consigo metáforas que podem ser aplicadas em nossas vidas. No mito do Labirinto do Minotauro, temos um elemento fundamental: o fio de Ariadne. Na dita história, Ariadne, filha do rei Minos de Creta, deseja ajudar o herói Teseu na sua missão de derrotar o Minotauro que fica ao centro de um labirinto. Para isso, Ariadne presenteia Teseu com um novelo, para que após sua missão ele pudesse retornar com segurança a Atenas. Ariadne pediu que Teseu amarrasse uma ponta do fio à entrada do labirinto e o desenrolasse enquanto avançava pelo interior, dessa forma, ele poderia usar o fio para rastrear seu caminho de volta e evitar se perder nas passagens intrincadas do labirinto. O plano funcionou e o mito nos oportuniza questões reflexivas importantes até hoje.

Afinal, assim como Teseu usou o fio de Ariadne como uma estratégia para enfrentar o desafio do labirinto, professores usam diversas metodologias e estratégias de ensino para ajudar os seus alunos a compreender e superar os obstáculos em sala de aula. Ainda, o fio de Ariadne representava a continuidade da jornada de Teseu, permitindo que ele voltasse ao ponto de partida após derrotar o Minotauro, onde ao nos voltarmos de forma reflexiva para a prática docente também podemos encontrar caminhos exitosos. Assim, após a escuta de professores que possuem em suas salas de aula alunos migrantes, nós tecemos parcialmente suas percepções e propusemos os nossos fios de Ariadne para que, a partir desses entrelaçamentos, possamos desemaranhar um pouco sobre essa realidade que adentra os muros da escola.

1. ACOLHER É POSSÍVEL

A convivência não apaga ou anula as diferenças. Ao contrário, é a capacidade de acolhê-las, deixá-las ser diferentes e, mesmo assim, viver com elas e não apesar delas (BOFF, 2006, p. 103).

Ao longo da pesquisa, conversamos com vinte professores e professoras que convivem cotidianamente com o acolhimento de pessoas estrangeiras em suas escolas e salas de aula e conseguimos compreender que acolher é possível. Inicialmente, todos relatam do susto, de seu sentimento de despreparo e de sua suposta incompetência em recepcionar estudantes de origens tão distintas, idiomas desconhecidos e códigos culturais estranhos à primeira vista.



Fonte: <https://br.freepik.com/>

Com o passar dos dias e semanas, não sem esforço, a situação vai oferecendo oportunidades de aprendizado e ressignificação de sua experiência profissional. As trocas que acontecem no ambiente intercultural podem ser vistas de forma a contemplar o diálogo e perceber os interesses

em comum, além de estender esse entendimento ao aqui e lá. Para o professor do relato abaixo, que tem em sua turma uma estudante de origem venezuelana, a data é escrita diariamente no quadro em português e espanhol, pensando que as trocas podem ser feitas simultaneamente, de forma que os alunos possam reconhecer essa diversidade étnico-racial e contemplar de forma a ampliar o repertório de todos.

Bom, nós vivemos em um país patriarcal. Eu até cursei Ciências Sociais, então eu bato muito nessa tecla. Então, eu sou uma figura masculina, e geralmente a figura masculina é a disciplinadora. Ela gosta de futebol, e eu não muito e ela fica 'como não?'. Ela gosta do Barcelona e eu sou colorado, então deu a calhar do Barcelona jogar contra o Inter, e eu sempre usava camisa do inter pra alfinetar ela futebolisticamente, então foi com esses quebra gelos que eu fui ganhando ela. Ela briga muito comigo, fala do irmão dela que não gosta de futebol. Eu fui tentando me inteirar do que tem na Venezuela, o esporte de lá. Isso que eu fui construindo para criar vínculo com ela. (Prometeu, Campo Bom)

A troca entre os estudantes e o aprendizado de uma nova língua expressam a potencialidade dos encontros humanos e mobilizam a comunicação como elemento de mediação. Gradativamente, ampliam o vocabulário, novas interlocuções se estabelecem e consolidam-se práticas de interculturalidade no cotidiano da escola.

A gente sempre fica receoso, nesse sentido de... “terei sobre as minhas responsabilidades escolares um aluno de outra cultura”. Como que vai se dar essa troca em sala de aula, como que vai dar esse aprendizado, essa mediação, esse convívio, essa aceitação. (Prometeu, Campo Bom)

[...] então assim, eu já tô “hablando” [...] quando eu vejo eles (os alunos da turma) tão já falando ‘senta-te a cá’, ‘vai comer merenda mucho ou tan poco?’. (Laura, Dois Irmãos)

Não necessariamente tratamos de troca e apenas isso, mas de um processo complexo de acolher pela empatia e compreensão. De passar da acolhida e entendê-la pelo viés daquilo que pode se tornar hospitalidade. De que a migração não ocorreu por uma simples escolha individual, mas que perpassa diversos fatores sociais, econômicos e ambientais. Nem tanto nos

interessa uma interculturalidade como um valor ou pressuposto pedagógico, mas enquanto prática intercultural, como demonstrado nos depoimentos selecionados e presentes nesta publicação.

Acho que vai além de uma troca. Uma partilha em que tu acolhe e vai receber porque tu acolhe, mas não por tá dando, e sim porque tu quer aprender o espanhol. É um ato de empatia, de carinho. Todos eles chegam falando que vieram para o Brasil porque não tinham o que comer. Não tinham dinheiro. Eles não vieram para o Brasil porque queriam. A gente precisa ter um olhar cuidadoso e atento. (Pérola, São Leopoldo)



Fonte: <https://br.freepik.com/>

2. CONSTRUIR PROTOCOLOS DE ACOLHIMENTO

A transformação do espaço escolar em um ambiente acolhedor, que possibilite a aprendizagem de todos a partir de situações que envolvam colaboração e experiências compartilhadas de aprendizagem, requer a responsabilidade e espírito de coletividade por parte da equipe pedagógica (SANTIAGO; AKKARI; MARQUES, 2013, p.47).

Acolher não é simples, em sentido literal, mas é possível. Não romantizamos a presença de muitas línguas, culturas e histórias pessoais em sala de aula. São processos pedagógicos intensos e desafiadores. Contudo, é necessário dar o primeiro passo, realizar a primeira ação. Diversos serviços, públicos e privados, precisam nos apoiar na construção de uma cultura de hospitalidade na escola. Porém, por onde começar?

Parece causar a sensação de um acontecimento repentino e até mesmo inesperado quando chega um novo estudante de outro país, mesmo que este movimento migratório esteja em ampla crescente nas últimas décadas. É urgente pensar no acolhimento sistematizado, que seja eficiente e possibilite que este primeiro contato seja um momento de hospitalidade e que não ofereça para este novo estudante a hostilidade de um ambiente que causa estranheza para ele e para os que ali estão: estudantes, professores e todos colaboradores.

A escola deve ter o comprometimento de assegurar a gestão da diversidade linguística e cultural no que tange aos estudantes de diferentes nacionalidades em um espaço que amplie repertório e tenha a prática intercultural presente no cotidiano, em que possibilite o fazer parte e não apenas seja local de frequentar, mas que seja local de pertencer.

Como são recebidos quando chegam? Quem os apresenta aos espaços da escola? Como se comunicam com os profissionais e colegas do espaço escolar? E, ainda, para além, devemos questionar se, além de nós, *o espaço acolhe*? As áreas comuns da escola podem ser identificadas em outras línguas?

Os depoimentos nos demonstraram inúmeras formas simples de iniciar o acolhimento em nossas escolas. Várias professoras nos relataram sobre a identificação multilíngue dos espaços da escola, todas as sinalizações que designam ambientes específicos da escola são traduzidas a todas as línguas em que há estudantes matriculados. Os murais da escola igualmente podem ter informações em mais de uma língua, especialmente informações sobre a vida escolar ou elementos que possam vir a orientar a vida em comum. A comunicação institucional (especialmente informativos e bilhetes) precisa adaptar-se a esta realidade, oportunizando experiências de inclusão linguística e cultural. Por vezes, tais traduções podem ser realizadas por sites e aplicativos de tradução, caso não exista professor habilitado para traduzir. É melhor algum esforço linguístico (mesmo que a tradução virtual contenha imprecisões) do que nenhum esforço.

Como saímos das pedagogias precárias, cultivadas por práticas improvisadas, em direção ao desenvolvimento de protocolos de acolhimento? Protocolo de acolhimento é a compilação de um conjunto de ações possíveis que podem ser mobilizadas pela gestão educacional de acordo com as características e necessidade de cada processo pedagógico. Em diálogo com grupos de professores, sistematizamos uma lista ampla de atividades possíveis. Cada município ou instituição, em seu Protocolo Municipal de Acolhimento pode organizar suas estratégias e desenvolver suas primeiras ações para receber seus estudantes oriundos de diversos países do mundo.

A partir da experiência dos municípios da 2ª CRE, listamos algumas possibilidades de ações pedagógicas ou atividades que podem integrar um **Protocolo Municipal de Acolhimento de Pessoas Migrantes na Educação Básica:**

- Incluir a temática migratória no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola;
- Incluir a temática migratória, assim como acolhimento e hospitalidade, nas propostas de formação continuada de docentes.
- Planejar apoio de um profissional da língua materna dos alunos, ou seja, a formação de uma equipe pedagógica multidisciplinar e multilíngue;

- Promover apoio pedagógico e material para os alunos migrantes recém-chegados através da disponibilidade de outros alunos migrantes presentes na escola, auxiliando-os no contraturno como mediadores interculturais;
- Realizar oficinas de conversação em Português para os alunos migrantes;
- Promover oficinas sobre bullying/discriminação/xenofobia para os alunos brasileiros;
- Aproximar, nas turmas, alunos da mesma nacionalidade para facilitar o acolhimento;
- Comemorar festividades das diferentes nacionalidades e culturas ao longo do ano letivo;
- Realizar aulas temáticas sobre os países, dando espaço para que os alunos migrantes apresentem seu país;
- Inserir no calendário escolar momentos celebrativos para os países dos alunos migrantes, como um “Dia da Venezuela/Haiti” em um sábado letivo, por exemplo;
- Utilizar da literatura estrangeira dos países de origem dos alunos migrantes em sala de aula como recurso pedagógico e inclusivo;
- Inserir no planejamento escolar músicas, danças e teatros característicos presentes nas diferentes culturas;
- Promover momentos de conversação e escuta das famílias, realizando a inclusão dessas na comunidade escolar;
- Identificar os diferentes espaços da escola nas línguas dos alunos migrantes, através de placas e sinalizações;
- Desenvolver cursos de idiomas para professores.
- Prever recursos do orçamento da instituição para a realização, mesmo que parcial, de seu Protocolo de Acolhimento.

3. CRIAR UMA NORMATIVA MUNICIPAL

Bógus e Fabiano (2015) afirmam que a discriminação é o principal desafio enfrentado por imigrantes no Brasil. Interpretamos a questão migratória “como um problema” e sabemos muito pouco sobre as pessoas migrantes. O medo do estrangeiro foi acentuado após o 11 de Setembro de 2001, as fronteiras migratórias são mais controladas, barreiras às migrações são estabelecidas, muros são planejados ou construídos. Em nosso país, seguimos ainda com as heranças de uma sociedade escravocrata e excludente, em que a condição migrantes negros é ainda mais difícil.

O estudo nos mostrou que as dificuldades se intensificam quando não há ações planejadas ou coordenadas para o acolhimento de pessoas migrantes na educação básica, por esta razão sugerimos no tópico acima o desenvolvimento de um protocolo de acolhimento. Porém, importante considerar que há um conjunto de acordos internacionais dos quais o Brasil é signatário que preveem o direito à educação para crianças, jovens e adultos estrangeiros, destacando-se a Convenção sobre os Direitos da Criança, de 1990, a qual prevê educação, proteção e assistência humanitária nas situações em que se fizerem necessário.

Em novembro de 2020, a Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação publicou a Resolução Nº 1/2020, a qual reitera a educação como um direito humano inalienável e dispõe sobre o direito de matrícula de crianças e adolescentes migrantes, refugiados, apátridas e solicitantes de refúgio nas redes públicas de educação básica, sem requisitos de documentação comprobatória de escolaridade anterior e sem discriminação em razão de nacionalidade ou condição migratória. Trata-se de documento valioso para a orientação das instituições públicas de educação para reduzir as exigências documentais que impediam o exercício do direito à educação e dificuldades na equivalência dos conteúdos escolares de outros países em relação ao currículo escolar brasileiro. Recomendamos amplo estudo da legislação vigente sobre o tema, tanto por lideranças e gestores educacionais, quanto por docentes e comunidades escolares.

No entanto, nossa recomendação é que os municípios, especialmente no âmbito dos Conselhos Municipais de Educação, possam

debater a temática e propor ações próprias complementares às normatizações internacional e federal. O município de São Leopoldo realizou um importante movimento neste sentido e publicou a Resolução CME/CENF N° 23/2022, a qual amplia a discussão para outras pessoas em deslocamento e que podem receber semelhante garantia de direito à educação, caso de povos nômades como circenses e ciganos. Hoje, outros municípios do Rio Grande do Sul começam a se mobilizar para a produção de legislações específicas para o acolhimentos de pessoas estrangeiras nas escolas, caso recente de Porto Alegre.

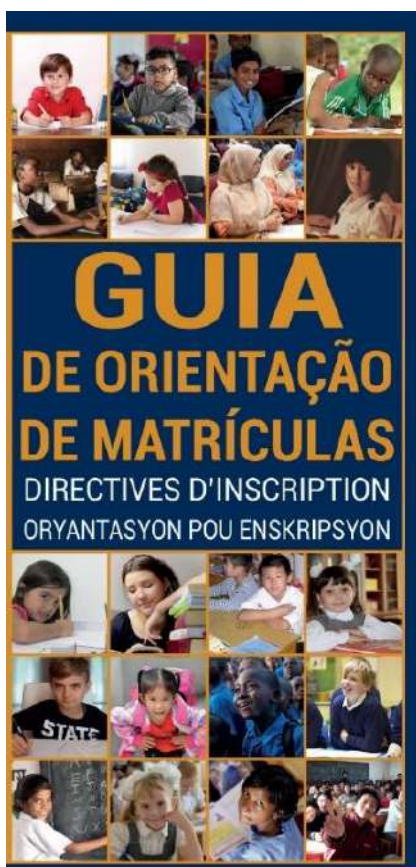
Além disso, as temáticas da hospitalidade e do acolhimento deveriam estar presentes no Projeto Político-Pedagógico (PPP) das escolas, orientando práticas e projetos cotidianos direcionados aos estudantes, mas também integrando agendas locais para a formação continuada de professores e gestores.



Fonte: <https://br.freepik.com/>

4. DESENVOLVER UM GUIA MULTILÍNGUE DE ORIENTAÇÃO DE MATRÍCULAS

A cultura, a identidade e o idioma podem estar entrelaçados inextrincavelmente; todos criam identidade ou, ao menos, aspectos importantes da identidade. Porém, o idioma não apenas cria o contorno da identidade; como também pode assentar as bases para outras classes, de inclusão e de exclusão, de pertença e de não pertença, de triunfo e de fracasso... O idioma dá sentido às estruturas sociais, às que criam a identidade e também, às opressivas (BAEZ, 2002, p. 123).



No contexto de nossa investigação, percebemos a relevância do desenvolvimento de um guia multilíngue de orientação de matrículas direcionado às famílias e estudantes. As mães procuram vagas escolares para seus filhos em diversos setores no âmbito da Administração Municipal. Muitas vezes, iniciam o acesso a seus direitos por órgãos de Saúde, seguida por Assistência Social e, por fim, na Educação. Então, procuram as secretarias escolares ou a Central Municipal de Vagas em busca de sua solicitação, contudo nem sempre há entendimento de sua condição ou compreensão dos fluxos administrativos. Importante reconhecermos que existem limites linguísticos e culturais para o acesso à educação escolar e desenvolvermos instrumentos que oportunizem uma efetiva inclusão.

Após muitas reuniões de trabalho, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação do município de Campo Bom/RS, construímos um Guia Multilíngue de Orientação de Matrículas, o qual visa favorecer o acolhimento e desenvolver uma cultura de hospitalidade no atendimento público à população estrangeira residente. Trata-se de uma ferramenta de orientação e de acolhimento, versada em cinco idiomas: português, espanhol, inglês, francês e crioulo haitiano. Uma experiência piloto, que pode ser qualificada e amplamente difundida em municípios interessados.

Além das orientações, destacamos a importância da abordagem às famílias migrantes. O texto elaborado pela Secretaria de Educação é elucidativo do necessário tom de acolhimento.

Seja Bem-vindo à Rede de Ensino de Campo Bom!

É com grande alegria que recebemos você, aluno estrangeiro, em nosso ambiente educacional. Sabemos que a adaptação a uma nova cultura e a um novo idioma é desafiador, mas queremos assegurar que faremos o máximo para tornar essa transição a mais tranquila e acolhedora possível.

Nossa rede de ensino tem orgulho de ser um espaço inclusivo e diverso, onde estudantes de diferentes origens e nacionalidades são valorizados e respeitados. Estamos empenhados em proporcionar a

você a melhor experiência de aprendizado, para que possa atingir seus objetivos na vida escolar.

Para isso, desenvolvemos ações que serão divulgadas no decorrer do ano letivo na escola, contando com inúmeros recursos que visam facilitar a sua adaptação e o seu sucesso escolar. Além disso, nossos professores e funcionários estão sempre disponíveis para ajudá-lo em tudo que você precisar.

Não hesite em entrar em contato conosco, caso tenha alguma dúvida, sugestão ou necessidade específica. Estamos aqui para apoiá-lo e acompanhá-lo nessa jornada de aprendizado e descobertas.

Mais uma vez, seja muito bem-vindo a nossa rede de ensino! Desejamos a você uma estadia incrível, repleta de experiências enriquecedoras e momentos inesquecíveis.



Fonte: <https://br.freepik.com/>

5. TUDO COMEÇA PELA ESCUTA ATIVA DOS ESTUDANTES

Nesse mundo educacional segregado, aprendi a acreditar que a contribuição mais vital que um educador pode dar é criar um contexto para a verdade e a justiça na sala de aula (hooks, 2021, p.139).

Em um ambiente educacional, a escuta ativa dos alunos é um pilar do fazer pedagógico. Nestes momentos de troca, são construídos espaços para o aluno falar e construir relações de confiança em sala de aula. Ao falarmos dos alunos migrantes, a escuta ativa se torna ainda mais crucial, pois esses alunos enfrentam desafios únicos, como a adaptação a uma nova cultura, língua e sistema educacional.

A escuta permite que os professores compreendam as experiências e os sentimentos singulares dos estudantes migrantes. Esses alunos podem se sentir isolados ou deslocados, e a oportunidade de compartilhar suas experiências com um adulto de confiança pode ser reconfortante. Ao ouvir atentamente suas histórias e emoções, os professores mostram empatia e validação, o que ajuda a construir confiança e um senso de pertencimento.

Acolher esses alunos em primeiro lugar, entender a história deles, fazer com que eles se sintam acolhidos, porque o nosso papel ali, além de transmitir o conhecimento, desenvolver as habilidades deles, é de acolher, fazer um ambiente bom pro aluno. Eu me coloco muito no lugar do aluno, se eu estivesse ali, sem entender nada, como eu me sentiria se a pessoa me ignorasse, me fizesse ser invisível, então eu me coloco muito no lugar desse aluno. Eu acho que foi por isso a minha angústia no primeiro ano, como que ela vai viver se não conhece as coisas básicas. Então as dicas são essas: acolher, conhecer a história do aluno, conversar, pra depois então traçar uma estratégia de ensino para aquele aluno, ver o que é importante estudar, o que faz sentido pra ele naquele momento. (Natália, Campo Bom)

Além disso, através da escuta os professores podem identificar essas necessidades e adaptar seus métodos de ensino, materiais e apoio de acordo com as demandas de ensino e aprendizagem. Isso promove um ambiente de aprendizado personalizado, que pode ajudar os estudantes

migrantes a progredirem acadêmica e socialmente. Ainda, momentos como esse podem incentivar a comunicação e o desenvolvimento das habilidades linguísticas. Pois, ao dar espaço para que os alunos se expressem verbalmente, os professores contribuem para o aprimoramento de suas competências na língua do país de acolhimento.

Ainda, através da escuta, os professores podem aprender mais sobre as culturas e experiências dos estudantes migrantes. Isso não apenas enriquece a compreensão mútua, mas também permite que os professores encontrem maneiras de incorporar a diversidade cultural na sala de aula, promovendo a aceitação e a valorização das diferenças.

É um passo-a-passo. Não tem um roteiro. É diário. Não tem uma regra. Antes de tudo, é um ser humano, é uma criança, independente da escolaridade. Acima de tudo, acolher. Depois demonstrar abertura, e aí conforme a cultura e as características da criança e da escola, abrir esse espaço cultural. (Prometeu, Campo Bom)

Acreditamos que a demonstração genuína de interesse na escuta desses estudantes se encontra atrelada à criação de um espaço seguro, onde os alunos se sintam seguros para compartilhar suas experiências e preocupações sem medo de retaliação ou discriminação. Além disso, incorporar a diversidade cultural no currículo, utilizando materiais e exemplos que refletem as diferentes origens dos alunos também proporciona momentos de troca e integração, afinal todos nós temos algo a compartilhar, ainda mais ao falarmos de migração. O Brasil, como diversos países que passaram por processos de colonização, teve sua história permeada por movimentos migratórios. Sendo assim, podemos dizer, de certa forma, que todos somos migrantes (ou pelo menos, frutos de processos migratórios).

[...] a Venezuela é um país bem pequeno, mas também é a questão de regiões, né? A gente acaba recebendo alunos venezuelanos e achando que são todos iguais. E não são. De acordo com a região, da cidade que nasceram, divisa mais com a amazônia, divisa mais com o Brasil, divisa mais com o oceano... muda a questão cultural deles, muda o idioma, muda o dialeto que eles falam, muda a,

como é que eu vou te dizer, a sociabilidade deles... Ai, nessa turma de 2021, eu me dei conta disso. de que existem diferenças, assim como tem gaúcho e tem nordestino, no Brasil né. Eles são completamente diferentes devido a região, ou lugar que eles ficaram. (Simone, Dois Irmãos)



Fonte: <https://br.freepik.com/>

6. INCORPORAR MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO AMBIENTE ESCOLAR

A instituição escolar está construída sobre a afirmação da igualdade, enfatizando a base cultural comum à que todos os cidadãos e cidadãs deveriam ter acesso e colaborar na sua permanente construção. Articular igualdade e diferença, a base cultural comum e expressões da pluralidade social e cultural, constitui hoje um grande desafio para todos os educadores (CANDAUI, 2002, p. 9).

A incorporação da cultura dos países de origem dos alunos migrantes no ambiente escolar é uma estratégia fundamental para a promoção de um ambiente mais inclusivo e acolhedor. Isso não apenas reconhece a diversidade cultural presente na comunidade escolar, mas também oferece uma série de benefícios que contribuem para uma educação mais rica e significativa. Afinal, cada aluno traz consigo uma riqueza cultural única e ao incorporar e celebrar as culturas de origem, a escola reconhece e valoriza essa diversidade. Demonstrando assim que a escola é um lugar onde todas as culturas são respeitadas e bem-vindas e proporcionando um sentimento de pertença.

É, quando ela ouviu o ritmo do país dela ela se realizou. É, a gente colocou uma música do país dela que a gente achava que era. Ela ficou assim, foi o dia em que a Fabienne parece que foi o dia que ela mais se sentiu em casa na escola. [...] Então foi o dia que a gente viu que ela mais dançava e girava assim, interagia. Não que ela não interagisse, mas aquele dia foi um dia que marcou a gente. Não sei se foi o ritmo, se era algo que ela escutava em casa... Foi familiar para ela. (Fernanda, Campo Bom)

Além disso, para alunos migrantes, especialmente os mais jovens, manter conexões com sua cultura de origem é essencial para o desenvolvimento de sua identidade. Isso pois, ao incluir aspectos de suas culturas no ambiente escolar, os alunos se sentem mais aceitos e compreendidos, construindo um fortalecimento do senso de Identidade.

Tais movimentos podem começar pelo contexto linguístico, por exemplo, onde a inclusão através da língua de origem remete ao ponto mais central de uma cultura: a forma de comunicar-se.

Esse ano, quando eu comecei a dar aula em espanhol, falei que seria a professora deles e comecei a falar umas frases em espanhol o olho dela brilhou, chegou a se erguer da cadeira e eu consegui conversar com ela. (Natália, Campo Bom)

Ainda, essa incorporação ao currículo escolar enriquece a aprendizagem e amplia o repertório cultural de alunos migrantes e alunos brasileiros. Permitindo, dessa forma, o desenvolvimento de competências interculturais importantes, os preparando para um mundo cada vez mais globalizado, onde a compreensão e a tolerância em relação a culturas diversas são essenciais. Afinal, essa exposição às culturas dos colegas promove empatia e respeito, onde os alunos aprendem a compreender e valorizar as experiências e perspectivas dos outros, reduzindo a discriminação e o preconceito.

Uma professora venezuelana fez uma oficina de brincar e fez um brinquedo típico deles, foi um espetáculo. Eles falaram que era da Venezuela, eles brincaram, foi um dia maravilhoso. Quando chega alguém que fala espanhol, eles se sentem muito acolhidos (Tatiane, Novo Hamburgo).

Outro ponto de importância é a realização de movimento de integração cultural no âmbito total da comunidade escolar e não apenas em sala de aula, o que por ocorrer através da inclusão de celebrações no calendário letivo. Ou seja, a escola pode dedicar-se em determinado momento do ano a construir um projeto transversal a todas as turmas sobre o país de origem de seus alunos migrantes. Como por exemplo, um sábado letivo dedicado a celebrar o Haiti ou a Venezuela, no qual essas celebrações também podem ser oportunidades para envolver as famílias dos alunos migrantes na vida escolar. Isso cria uma ponte entre a escola e as casas dos estudantes, fortalecendo a parceria entre pais, professores e alunos. Ainda, ao celebrar as culturas de origem dos alunos

migrantes valida suas identidades culturais. Isso mostra que a escola valoriza suas raízes e reconhece a riqueza cultural que cada estudante traz consigo.



Fonte: <https://br.freepik.com/>

7. UTILIZAR A LITERATURA DOS PAÍSES DE ORIGEM DOS ALUNOS

A linguagem, como define Freire, tem um papel ativo na construção da experiência e na organização e legitimação das práticas sociais disponíveis aos vários grupos da sociedade. A linguagem é o “verdadeiro recheio” da cultura e constitui tanto um terreno de dominação quanto um campo de possibilidade (GIROUX, 2011, p. 45).

Um dos aspectos mais presentes ao longo do processo de alfabetização, como também na identificação cultural e nacional, é a literatura. A literatura é uma manifestação significativa da cultura de um povo, assim ao incluir obras literárias do país de origem do aluno migrante, a escola reconhece e valoriza a identidade cultural desse estudante, demonstrando respeito por suas raízes. Ainda, a leitura de literatura de seu país de origem pode proporcionar aos alunos migrantes uma conexão emocional com suas raízes, o que pode ser reconfortante e fortalecedor. Isso também pode ajudá-los a superar o sentimento de isolamento em um novo ambiente, favorecendo sua integração ao novo país.

Ano passado, na semana da criança, eu entrei em todas as salas e li um livrinho em espanhol para eles, uma historinha e um dos alunos venezuelanos ele chorou, ele começou a chorar e disse “Prof, eu não acredito! Tu comprou um livro em espanhol para contar história pra gente” e eu disse “Sim, eu comprei um livro pra contar pra vocês”, e ele começou a chorar e veio e me abraçou. Foi um sentimento tão forte pra ele de reconhecimento da língua. [...] Todos eles gostaram da história, todos eles se sentiram importantes com aquela história. Era uma história bem simples, com frase pronta. “Tenemos el mundo en nuestras manos”. Aí eu conversei com eles, falei que o mundo está entrelaçado, que estamos em vários lugares, falei da globalização com eles. Falei que as pessoas podem até estar longe umas das outras mas que tem internet, que elas podem se ver melhor, conversar mais, que ao mesmo tempo que a gente tá longe a gente tá perto. (Pérola, São Leopoldo)

Além desse cunho cultural e afetivo, ler literatura escrita na língua materna dos alunos migrantes ajuda a aprimorar suas habilidades

linguísticas, mantendo seu idioma de origem vivo e desenvolvendo sua proficiência em ambas as línguas e proporcionando momentos de contato dos alunos brasileiros com uma outra língua. Outro fator é que, por meio da literatura estrangeira, podemos expandir o horizonte literário dos alunos, oferecendo uma perspectiva diferente daquela à qual estão acostumados, enriquecendo sua compreensão da literatura global e os expõe a diferentes estilos, temas e culturas literárias. Assim, o contato com esses livros pode ser uma poderosa ferramenta para promover a empatia e a compreensão intercultural. Afinal, todos alunos terão a oportunidade de explorar histórias de pessoas com diferentes origens e experiências de vida, o que ajuda a construir pontes de compreensão entre culturas.



Fonte: <https://br.freepik.com/>

8. COMUNICAÇÃO MULTILÍNGUE E PROMOÇÃO DA PRESENÇA DE MEDIADORES INTERCULTURAIS

Ainda que reconheça o valor do idioma padrão, o educador democrático também valoriza a diversidade da linguagem. Por exemplo, estudantes que falam o inglês padrão, mas para os quais o inglês é a segunda língua, são fortalecidos em sua autoestima bilingue quando seu idioma materno é valorizado em sala de aula. Essa valorização pode ocorrer quando professores e professoras incorporam práticas de ensino que honram a diversidade, resistindo à tendência tradicional de manter os valores do dominador no ensino superior (hooks, 2021, p.92).

Famílias em situação de refúgio e imigração experimentam um expressivo processo de desenraizamento (RUSSO; MENDES; MARCELINO, 2022), situação em que precisam abandonar sua origem, suas casas, seu país e, muitas vezes, sua cultura. Experimentam situações de bullying, preconceitos e discriminação, negando suas pertencas e forçosamente tendo que produzir uma nova identidade.

Poltozi (2020) entrevistou uma estudante colombiana que expressa esse sentimento, além de ter empreendido um trabalho de reconstrução de seu vínculo com seu país de origem.

A maioria das brincadeiras era relacionada a essa questão do narcotráfico, que é o que as pessoas mais conhecem da Colômbia e muito também essa diferença da língua, tipo, faziam piadas com o jeito que falava, com o jeito que meus pais falavam os nomes, as pessoas não estão acostumadas a ouvir nomes em espanhol, então também era um motivo de piada. Até a cor da minha pele, o que é meio doido, por que eu sou uma pessoas branca, me considero branca, mas as pessoas do meu colégio não me consideravam branca, eles faziam piadas, uma piada que me marcou bastante foi de um coleguinha que falou que eu tinha “cor de branca suja”, então esse tipo de coisa que mostra que apesar de que todo mundo aqui é latino americano tem essa diferença sabe, tem ainda essa barreira de reconhecer países fora do Brasil. Então, acho que essa foi a maior dificuldade mesmo, foi num período bem complicado, quando a gente é criança e toda minha infância foi vivendo essa realidade, vivendo esse mundo assim, que eu me sentia por fora que eu não podia ser eu mesma, que eu não podia trazer cultura, por que

não eram bem vistas, então eu tentava me adaptar, “ser brasileira” e meio que deixar de lado dessa minha cultura, essa minha tradição, por que ela não era bem recebida. Então, já mais velha, eu já estou tentando buscar essa tradição, tentando ir atrás disso, tentando me apropriar da minha cultura, tentando me apropriar de ser colombiana, para não perder isso, por que por muito tempo eu neguei, neguei que eu era, neguei a minha família, tinha vergonha da minha família, então eu neguei muita coisa e agora eu estou tentando resgatar. Estou participando de coletivos de pessoas colombianas, indo atrás da música, indo que atrás de tudo que eu posso para me apropriar disso, para vencer o tempo que eu tanto me neguei, deixei de lado por esses motivos de Bullying. (Cecília, estudante colombiana)

Uma alternativa à negação identitária é o fortalecimento da comunicação multilíngue e a promoção da presença de mediadores interculturais na escola. Diversos atores escolares têm sido descritos como mediadores, sejam estes pais, avós, outros familiares, lideranças religiosas e mesmo outros estudantes estrangeiros com maior tempo no país. Após as primeiras semanas na escola, os estudantes fazem amizade e o encontro intercultural começa a desenvolver trocas multilíngues, os brasileiros aprendem palavras em espanhol e vice-versa. Seguramente que existem barreiras a este movimento, como o preconceito e as representações da pessoa estrangeira na comunidade brasileira, por vezes resistente ao diálogo e a possibilidade de vínculos. Conhecemos, ao longo da pesquisa, situações muito diversificadas de mediação intercultural, destacando-se uma pedagoga venezuelana que não havia conseguido ainda revalidar seu diploma e foi contratada como merendeira em uma escola municipal e prestou um serviço importante de acolhimento de crianças de seu país, além de seus dois filhos que estudam na mesma instituição.

Retomando o depoimento da estudante colombiana, o essencial nestes processos é oportunizar, em contextos escolares, a superação da história escravocrata brasileira que torna a vida do migrantes negros muito mais difícil em nosso país. Uma pedagogia orientada ao acolhimento e à hospitalidade é indissociável de uma educação antirracista.

O direito à educação, independentemente das condições migratórias (ou mesmo de estudantes brasileiros), não pode encontrar obstáculos para sua efetivação. A aprendizagem escolar deve se sobrepor a qualquer mecanismo discriminatório.

9. FORMAÇÃO LINGUÍSTICA PARA PROFESSORES E ESTUDANTES

Muitos profissionais da Educação quando questionados sobre seu maior desafio em relação ao seu trabalho desenvolvido junto aos estudantes recém chegados de outro país relatam sobre a questão linguística e de como representa uma barreira inicial à comunicação.

Eu acho que um curso básico de espanhol pros professores. Porque, que nem eu te falei, algumas coisas a gente já consegue trocar com eles, a gente entende, eles aprendem rápido. Mas assim logo na chegada, eu acho que seria interessante se os professores tivessem. (Roselene, Dois Irmãos)

A capacitação linguística dos professores permitiria uma compreensão mais profunda das necessidades linguísticas de seus alunos migrantes, fazendo com que eles adaptem seu ensino para atender às necessidades específicas de aquisição de idiomas dos alunos. Afinal, a comunicação eficaz é fundamental para que os professores possam estabelecer relações mais sólidas com os alunos e suas famílias, o que pode melhorar o apoio e a colaboração. Neste sentido, destaca-se que a capacitação linguística para professores de alunos migrantes é, sem dúvida, uma medida importante e benéfica. No entanto, é essencial ponderar que, embora seja valiosa, não é a solução mais prática e rápida para todos os desafios que surgem no contexto educacional de alunos migrantes.

A nossa escola pleiteou na prefeitura uma professora de espanhol devido a grande demanda desses alunos. E ela tem uma escala, ela vai entrando nas turmas para auxiliar na explicação das atividades. Então, o que a gente tem aqui é essa profe de espanhol, que nos auxilia né. E também, que nem eu te falei antes, às vezes vem umas famílias que vem de umas localidades mais afastadas assim, e eles falam um espanhol diferente, um dialeto diferente e ela é chamada na secretaria para traduzir, para auxiliar aqui as gurias que não entendem. E nós na sala também temos o auxílio dela. (Roselene, Dois Irmãos)

Sabemos que a capacitação linguística é um processo que leva tempo e demanda disponibilidade de recursos financeiros e de pessoal para programas de capacitação linguística, o que pode ser um desafio em muitas escolas e sistemas educacionais. Além disso, cabe enfatizar que, em salas de aula com alunos migrantes, a diversidade de idiomas pode ser impressionante. É praticamente impossível que os professores dominem todos esses idiomas, o que pode limitar a eficácia da capacitação linguística em atender a todas as necessidades. Ainda, os alunos migrantes muitas vezes enfrentam necessidades urgentes, como a superação de barreiras linguísticas para acompanhar o currículo escolar, onde a capacitação linguística dos professores pode se tratar de um processo longo, acaba por não suprir esse apoio imediato.

Eu senti falta de um apoio mais prático, de repente uma pessoa que soubesse se comunicar com esse aluno estrangeiro e me ajudasse a se comunicar. Foi uma coisa assim que a gente pensou, nessa hipótese que eu levantei. (Natália, Campo Bom)

Portanto, embora a capacitação linguística dos professores seja uma estratégia valiosa e desejável para apoiar alunos migrantes, é importante reconhecer suas limitações e a necessidade de adotar uma abordagem mais ampla e flexível. Isso pode incluir a alocação de recursos para intérpretes, assistentes de idiomas ou programas de apoio especializados que atendam às necessidades imediatas dos alunos enquanto os professores continuam a aprimorar suas habilidades linguísticas a longo prazo.

Quando chega alguém que fala espanhol, eles se sentem muito acolhidos. Eles se sentem muito acolhidos, muito à vontade com a Faheana, pois ela entende um pouco mais do que eles querem passar. Mas com eles não tem problema nenhum, a aceitação é tranquila, muito tranquila (Tatiane, Novo Hamburgo).

Além disso, a conscientização sobre a diversidade linguística e cultural deve ser promovida em toda a escola, criando um ambiente de inclusão que valorize todas as línguas e culturas representadas na comunidade escolar. Para a construção de um protocolo de acolhimento, as estratégias linguísticas são essenciais.

10. DO ACOLHIMENTO À HOSPITALIDADE

Lembrando, no entanto, que a experiência de hospitalidade ultrapassa o momento do acolhimento, ela implica uma dedicação responsável e cuidadosa em relação àquele que é acolhido. O que, em contexto escolar, obriga a atender às condutas institucionais e à qualidade das práticas educativas necessárias à efetivação da hospitalidade (BAPTISTA, 2016, p.209).

O verbete “estrangeiro”, de acordo com o Dicionário Houaiss (2001), é uma expressão impregnada de significações e historicidades.

adj. s.m. (sXIV cf. FichIVPM) 1) que ou o que é de outro país, que ou o que é proveniente, característico de outra nação (cidadão e.) (o e. já retornou a sua casa) 2) fig. p. us. que ou que não pertence ou que se considera como não pertencente a uma região, classe ou meio; forasteiro, ádvena (sentia-se e. naquele ambiente adverso.) s.m. 3) indivíduo de nacionalidade adversa daquele país onde se encontra ou vive 4) o conjunto dos países em geral, excetuando-se aquele em que se nasce (o jornal recebeu notícias do e.) (adorava viajar pelo e.) 5) infrm. idioma diferente daquele que se está considerando; idioma não vernáculo, idioma de outra nação (ele expressa-se em e.) ETMOL. fr. étranger (sXIV) ‘id’, de étrange (estrange s XII), do lat. extraneus, a, um ‘o que é de fora’, extra ‘de fora’; ver estrangeir-; f. hist. sXIV estrangeiro, s XV estrangeiro. SIN/VAN ver sinonímia de ádvena. ANT de nacional, nativo; ver tb. antonímia de ádvena. COL estrangeirada. NOÇÃO de ‘estrangeiro’, usar antepos. barbar(i/o)-, estrangeir-e xen(o)-.

Poderíamos começar questionando se eles de fato não pertencem à nossa região, classe ou meio. Ou então como pensamos que é estar em um ambiente adverso? É de fora ou está entre os espaços comuns aos nossos? O que podemos pensar sobre pertencimento quando se fala de estrangeiro com o olhar de distanciamento, do outro que é de lá e aqui não pertence?

Segundo Isabel Baptista (2016), a hospitalidade é um valor e uma prática. Trata-se de um valor antropológico e ético uma vez que a hospitalidade constitui “traço essencial da identidade humana, evidenciando o carácter relacional e estruturalmente aprendente da própria subjetividade” (2016, p. 205). Como valor, a hospitalidade é

inerente à educação e a todas as experiências de formação humana. Ao mesmo tempo, uma prática porque reconhece as “identidades de carne e osso” e estrutura relações sociais e educacionais para o acolhimento constante do outro. Portanto, hospitalidade é a permanente criação de lugares de hospitalidade.

O termo hospitalidade designa a experiência de acolhimento da alteridade que é gerada pela interpelação de outra pessoa constituindo-se dessa forma como uma experiência humana fundamental. Uma experiência que, sendo vital no processo de subjetivação, ativa a dinâmica de vinculação inter-humana, contribuindo assim para o desenvolvimento de laços sociais consistentes e significativos (BAPTISTA, 2016, p. 208).

Como temos interpretado, o acolhimento é uma ação momentânea, reação em um instante em que somos interpelados a receber o outro. A hospitalidade, por sua vez, é o acolhimento constante, em ciclos mais ou menos duráveis, modificando a cultura das organizações e instituições.



Fonte: <https://br.freepik.com/>

11. DICAS NA VOZ DOS PROFESSORES

Seja você mesmo. Escuta, escuta ele. Vê o que os teus alunos querem dizer. Recebe esse aluno. Seja você mesmo. Dá tua aula normal. Acolhe aquele aluno, diz para ele contar histórias para os outros. Professor é professor em qualquer língua. Seja você mesma, não tem como. (Denise, São Leopoldo)

Se colocar no lugar dessa criança e pensar no desafio que é sair ou ter que sair do teu país, que é o caso dos venezuelanos e vir para um país completamente diferente, as vezes deixando pessoas da própria família, e tentar, mesmo sendo muito difícil acolher esse sentimento, acolher e tentar fazer disso uma constante para a turma inteira, para que todos os colegas tenham esse feeling de mostrar que o idioma do outro também é importante e que eu também posso aprender esse idioma. (Pérola, São Leopoldo)

[...] considerar que para aquele estudante é tudo novo, não é só uma escola nova né, é uma realidade totalmente nova. E eu acho também, que valorizar o idioma deles, porque valorizar o idioma deles, como eu disse antes, é valorizar a história deles, a cultura deles. (Sheila, Dois Irmãos)

Acho que o fundamental é a gente olhar essa criança, quem ela é, olhar para ela como um todo. Vão ter muitas dificuldades, mas muitas potencialidades também. A gente aprende mais com eles do que eles conosco. Acho que o principal é isso, estar próximo. Estar ali para eles. (Joice, Novo Hamburgo)

Compreender, tentar compreender esse aluno, conhecer um pouquinho dele. Depois tu trabalha. Porque se tu deixar ele sozinho, ele não vai conseguir. Ele vai tá ali, parado, te olhando, sem saber o que fazer. Isso é bem claro. Primeiro tem que fazer essa rede de apoio, como era sua vivência na escola, seus amigos, depois para seguir uma linha de raciocínio. Tem que ter alguém para fazer isso, mesmo sendo difícil em uma turma regular. Tirar um tempinho para esse aluno faz a diferença, ver como era a vida dele, o que ele tá precisando, sem o foco na disciplina, tem que aprender primeiro o que ele precisa, a base, e depois você trabalha com um universo de coisas. Ele tem que se sentir pertencente, tem que estar na sala de aula, eles se sentirem pertencentes, houve um movimento. A dica é conhecer um pouquinho. Isso faz muita diferença para a criança. (Tatiane, Novo Hamburgo)

Então, eu procuro sempre conversar, fazer esse acolhimento, para eles se sentirem seguros, pra depois desse acolhimento pra poder passar pra essa parte do estudo. Pra eles se sentirem bem na sala de aula, se sentirem iguais, nesse sentido de aluno, na sala de aula, não isolar eles, por serem de outro país, outra realidade. (Natália, Campo Bom)

Além do acolher, acolher muito a família, estar mais próxima, para eles se sentirem à vontade, se sentirem à vontade para tirar dúvidas, acolher a criança. Tentar conhecer o máximo da cultura e da família. Não é porque não é nossa cultura que não precisamos conhecer. Estar aberta a experiência. (Fernanda, Campo Bom)

Respeitar muito eles, eu sempre respeito o tempo deles. Não quer falar o português ou não consegue, tudo bem. A gente vai no espanhol até onde dá. Mas assim, respeitar, ter paciência. Tentar ver mesmo a necessidade do aluno. Ver o que faça sentido para o aluno. Entender a necessidade deles. Sempre pensar em uma situação real, ver na prática. (Tina, Dois Irmãos)



Fonte: <https://br.freepik.com/>

AMARRANDO FIOS: considerações finais

O diálogo é o espaço central da pedagogia para o educador democrático. Conversar para compartilhar informações e trocar ideias é a prática que, tanto dentro quanto fora do ambiente acadêmico, afirma que o aprendizado pode ocorrer em durações variadas (podemos dividir e aprender muito em cinco minutos) e que o conhecimento pode ser compartilhado em diferentes registros de discurso (hooks, 2021, p.91).

A escrita deste caderno pedagógico nos desafiou a enfrentar perguntas difíceis. Parafraseando Umberto Eco, seria a sala de aula um ambiente para uma antropologia recíproca? Ou, nos termos de Isabel Baptista (2016), seria a hospitalidade uma propriedade característica das organizações escolares? Ou, provocados por Agier (2015) e hooks (2021), a escola seria capaz de mobilizar uma pedagogia como espaço de criação e acolhimento?

Reiteramos nesta publicação que a nova geografia dos deslocamentos humanos traz ao Brasil números crescentes de pessoas migrantes vindas da Venezuela, do Haiti e de tantos outros países. Tal cenário, acentuado pela feminização das migrações e o conseqüente incremento de crianças e adolescentes nesta situação, nos exige afirmar sua condição de sujeitos de direitos em nosso país, não obstante as tensões geradas por sua presença e pelo desconhecimento da potencialidade do encontro intercultural para o desenvolvimento humano.

Mediante pesquisa qualitativa, conhecemos os dados regionais, as informações específicas para analisarmos as experiências socioculturais dos estudantes e as condições disponíveis para professores e instituições

de ensino promoverem o acolhimento e a hospitalidade. Como mencionamos acima, verificamos a existência de uma política dos espaços precários (AGIER, 2015) e de pedagogias precárias constituídas pela negação da presença dos estrangeiros e pelo improvisado na organização das escolas e das salas de aula para acolher. Os professores expressam sua suposta incompetência e falta de capacitação para desenvolver melhor seu trabalho. No entanto, os docentes nos ensinaram muito acerca de sua coragem pedagógica de desenvolver estratégias de acolhimento, a partir de um olhar sensível e humanitário, desenvolvendo salas de aula abertas à diversidade e à interculturalidade.

Portanto, não há mais espaço para pedagogias improvisadas e pouco reflexivas. Passados os primeiros anos da chegada desses estrangeiros em nossas escolas, todos os municípios da 2ª CRE deveriam desenvolver e implementar protocolos de acolhimento para preparar-se continuamente aos cenários pedagógicos do século XXI. Sistematizamos neste caderno inúmeras sugestões que podem vir a compor um protocolo municipal de acolhimento, com um protagonismo dos setores educacionais.

De outra parte, em perspectiva complementar, o texto aqui apresentado contém diversos relatos de professores que acolhem. Optamos pela apresentação dos depoimentos tal como realizado pelos participantes da pesquisa, sem edições ou ajustes linguísticos. A escolha pela transcrição da oralidade justamente pode ser interpretada como uma conversa, como um diálogo entre colegas de profissão. O tom dos comentários algumas vezes foram de desabafo, outros de engenhosidade de criar pedagogias com poucos recursos e, com destaque, manifestaram esperança e afirmaram sugestões importantes para colegas ainda sem experiência de estudantes de outros países em suas classes.

O propósito final deste caderno é que, paulatinamente, estes “estrangeiros” sejam acolhidos em nossas escolas com menos estrangeiridade. Assim como o acolhimento, entendido como ações iniciais de recepção a estes estudantes e suas famílias, se converta em hospitalidade. Na maior parte dos casos estudados, o acolhimento é concebido como uma ação emergencial frente às urgências da necessidade de compreendermos o outro e sua linguagem, porém, com o tempo e com protocolos apropriados, este importante acolhimento

precisa converter-se em hospitalidade, pela constância do acolhimento e por estabelecer uma nova cultura aos nossos ambientes escolares.

Esperamos, por último, que este caderno, em edição física ou digital, possa chegar às mãos de professores e professoras, gestores e gestoras educacionais comprometidos com a hospitalidade educacional e com a defesa de uma vida digna e justa a todos os cidadãos deste Planeta. Que possamos todos tecer os fios de uma educação orientada por aquilo que une e imaginarmos futuros juntos.

REFERÊNCIAS

- AGIER, M. **Encontros etnográficos**: interação, contexto e comparação. São Paulo: Ed. UNESP, 2015.
- BAEZ, B. **Learning to Forget**: Reflections on Identity and Language. *Journal of Latinos and Education*, v. 1, n. 2, 2002, p. 123-132
- BAPTISTA, I. Para uma fundamentação antropológica e ética da educação: a escola como lugar de hospitalidade. **EDUCA – International Catholic Journal of Education**, n. 2, p. 203-214, 2016.
- BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível**: convivência, respeito, tolerância. Petrópolis: Vozes, 2006. v. 2.
- CARARO, A; SOUZA, D P. **Valentes**: Histórias de pessoas refugiadas no Brasil. 1ª ed. São Paulo: Seguinte, 2020.
- BOGUS, L. M.; FABIANO, M. L. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. **Ponto e Vírgula (PUCSP)**, n. 18, p. 126-145, 2015.
- BRASIL. **Resolução Nº 1 de 13/11/2020**. Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica, 2020.
- CÁ, V.; MENDES, J. Desafios e dificuldades enfrentadas pelos imigrantes senegaleses no processo de integração social na sociedade brasileira. **Revista Humanidades e Inovação**, v.7, n.2, p. 76-85, 2020.
- CANDAU, V.M. (org.) **Sociedade, educação e cultura(s)**. Questões e propostas. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DINIZ, L.; NEVES, A. **Políticas linguísticas de (in)visibilização de estudantes imigrantes e refugiados no ensino básico brasileiro**. *Revista X*, v. 13, n. 1, p. 87-110, 2018.
- ECO, H. **Migração e intolerância**. São Paulo: Record, 2020.

- GIROUX, H. A. **Introdução**: alfabetização e a pedagogia do empowerment político. *In*: FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. p. 33 – 77.
- HOOKS, b. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001
- MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- OBMIGRA. **Relatório Anual 2022 – Resumo Executivo**. Brasília: Ministério da Justiça, 2022.
- OLIVEIRA, D. A. O imigrante na política educacional brasileira: um sujeito ausente. **Práxis educativa**, v. 15, p. 1-15, 2020.
- POLTOZI, N. M. **Educação de refugiados**: a escola como espaço de acolhimento e de interculturalidade. 2020. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Pedagogia, Escola de Humanidades, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2020.
- RIO GRANDE DO SUL. **O perfil dos imigrantes no RS segundo o SISMIGRA, a RAIS e o Cadastro Único**. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Nota técnica N° 40, 2021.
- RUSSO, K.; MENDES, L.; MARCELINO, S. **Aprendi o que é racismo no Brasil**: crianças africanas e brasileiras na educação básica. Teias, v. 23, n. 69, p. 19-31, 2022
- RUSSO, K.; MENDES, L.; BORRI-ANADON, C. **Crianças em situação de imigração na escola pública: percepções de docentes**. Cadernos de Pesquisa, v. 50, n. 175, p. 256-272, 2020.
- SANTIAGO, M. C.; AKKARI A.; MARQUES, L. P. **Educação intercultural**: Desafios e possibilidades. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.
- SÃO LEOPOLDO. **Resolução CME/CENF N° 23 de 30/03/2022**. Conselho Municipal de Educação de São Leopoldo, 2022.
- WELLER, W.; PFAFF, N. **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação**. Petrópolis: Vozes, 2013.

APRESENTAÇÃO DAS AUTORAS E DO AUTOR

Rodrigo Manoel Dias da Silva é Coordenador Executivo do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), onde atua também como professor na Escola de Humanidades, no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Líder do Grupo de Pesquisas em Educação, Diversidade e Cidadania (CNPQ/UNISINOS). Pesquisador vinculado à Cátedra UNESCO A Cidade que Educa e Transforma. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPQ.

Nicole Magalhães Poltozi é Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2020) e Especialista em Educação, Cultura e Diversidade e em Metodologia de Ensino de Geografia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (2021). Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2023) e Graduanda do Bacharelado em Geografia pela mesma instituição. Mestranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Participante do Grupo de Pesquisas em Educação, Diversidade e Cidadania (CNPQ/UNISINOS).

Ana Carolina Torres é professora da Educação Básica na Rede Municipal de Dois Irmãos - RS. Graduada em Pedagogia (2022) e Mestranda em Educação (ingresso em 2023/1) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Participante do Grupo de Pesquisas em Educação, Diversidade e Cidadania (CNPQ/UNISINOS).

BOAS-VINDAS!
BOAS-VINDAS!
BOAS-VINDAS!

Quem é a pessoa migrante? Quem são as pessoas que se deslocam ao Brasil nos últimos anos? Por que essa presença desafia a vida escolar e as experiências pedagógicas desenvolvidas nas escolas? As escolas brasileiras e seus profissionais estão preparados para o acolhimento e o desenvolvimento de aprendizagens efetivas? Enfim, quem são esses estudantes?



Serviço Brasileiro de Apoio às
Micro e Pequenas Empresas



ISBN 978-65-265-0828-2

